

COMUNIDADE DE PRÁTICA MUSICAL: ESTUDO SOBRE UM GRUPO CORAL EM CURITIBA

Liane Cristina Guariente⁵³

Faculdade de Artes do Paraná – FAP

RESUMO

O objetivo deste estudo é investigar na prática do grupo coral – o Coral do CEIC de Curitiba - aspectos que o caracterizem como comunidade de prática musical. Os dados coletados oportunizaram compreender os conceitos descritos por Wenger (1998) e Lave e Wenger (1991). A constituição da comunidade – o domínio, a comunidade e a prática – os interesses compartilhados (prática compartilhada), a construção das relações de aprendizagem (aprendizagem situada) e os níveis de participação no grupo, nortearam as análises do campo empírico. Os resultados revelam a contribuição que o conceito traz para as situações de ensino, aprendizagem e experiência estética, vivenciadas em contexto comunitário.

Palavras-chave: comunidade de prática musical; prática coral; educação musical

ABSTRACT

The aim of this investigation is to study in loco some aspects of Curitiba CEIC Choral that could be characterized as a community of musical practice in a specific environment. By the study of methodological cases, I managed to collect some data for this investigation which pretty much give me support to really comprehend Wenger's (1998), and Lave's and Wenger's (1991) concepts and elements that they had described. In fact, the recognition of the community constitution – domain, community, and practice – as well as the observation of those processes which are characteristics of this practice, the group shared interests (shared practical learning), the construction of learning relations (local learning), and the group different levels of participation are processes that lead some analyzes of this text and give grounds to empiric observations. These outcomes reveal the contribution of practice community for the understanding of teaching issues along with learning aspects, and aesthetic experiences which are a living part of the community environment.

Keywords: community of musical practice; choral practice; musical education.

⁵³ Mestre em musica pela Universidade Federal do Paraná (2010). Professora da Faculdade de Artes do Paraná – FAP desde 1988. Preparadora vocal do Grupo Omundo, com a produção de um CD. Grupo Bayaka, quatro CDS. Diretora Musical do Grupo SEGUNDASABADO e Preparadora vocal do Coral do CEIC. Diretora musical, compositora e cantora do Grupo Palácio de Seda. Cantora do Grupo Terra Sonora, com seis CDS. Trabalhos de motivação profissional – Vale, Kraft, Volvo, Esso, Tintas Renner. Grupo de Pesquisa Educação e formação continuada- diversidade cultural. lianeguariante@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Ao iniciar este estudo, optei pela utilização de um modelo de pesquisa social qualitativa, que permite a aplicação de análises globais a casos particulares, bem como possibilitou documentar a convivência com pessoas que cantam, atores sociais que interagem em um grupo singular. Tal modelo apoiou-se na metodologia do estudo de caso. Por se tratar de um estudo descritivo de campo, no qual os dados recolhidos provêm, dentre outros, de relatos e entrevistas, o estudo de caso tornou-se especialmente significativo para a pesquisa.

O alicerce para a discussão se consolidou em função do conceito de “comunidade de prática” na perspectiva de Etienne Wenger (1998) que define o termo como um conjunto de indivíduos que aprendem, constroem e fazem a gestão do conhecimento: quando se consegue reunir pessoas em torno de um determinado conteúdo aprendido, compartilhado pelo grupo e difundido para mais pessoas, faz-se a difusão do conhecimento.

O Coral do CEIC, grupo focal desse estudo de pesquisa, iniciou suas atividades em fevereiro de 1997, quando alguns frequentadores dessa instituição, que gostavam de cantar, dispuseram-se a difundir por meio da música vocal suas convicções sobre a doutrina espírita. Eu pude supor, a princípio, que esse encontro conformou uma oportunidade. Como afirma Torres (2008), um momento no qual essas pessoas “tiveram de organizar-se num espaço de ampliação do conhecimento relacionado à atividade musical”, direcionado simultaneamente para a educação musical, para a performance de palco e trabalho humanitário. A atividade, subsidiada e aprovada pela presidência da instituição veio a se transformar em um departamento divulgador, com objetivos definidos e características específicas, e o grupo passou a ter status no CEIC. A partir das primeiras observações, foi possível definir os objetivos específicos da investigação: A) Verificar alguns dos domínios compartilhados pelo grupo coral em questão; B) identificar nas interações do grupo coral, os níveis de participação dos integrantes; C) identificar como ocorre o desenvolvimento da prática compartilhada entre os integrantes do grupo coral.

Em conformidade com a observação de Oliveira (2000), o espaço ou ambiente envia mensagens aos que ali convivem e aprendem, e esses respondem a elas. A influência desse meio, articulada nas sensações e percepções, possibilita insights contínuos e penetrantes. Os usuários dos espaços são, por pressuposto, protagonistas de sua aprendizagem, envolvidos em contatos ativos com outros participantes e objetos. É através dessas interações que as pessoas consolidam suas comunidades.

Além do Coral do CEIC, contatei, por razões da investigação, a Instituição Centro Espírita Ildefonso Correia que me deu a observar, desde os primeiros encontros, a constante e cuidadosa busca, entre seus adeptos, de equilíbrio entre tendências opostas: responsabilidade e liberdade, fé e racionalidade, caridade e tolerância, preceitos morais rigorosos e diversidade, carência de preparação para a ação de cantar. O desejo de criar um grupo de vozes eficiente convivia em franco diálogo com tais postulados e reforçava aspectos do estudo da doutrina espírita kardecista exercitada por eles.

Turner (1999) afirma que a socialização ocorre através do contato entre pares, entre grupos, e que com esse contato o indivíduo constrói sua personalidade, aprende a viver em sociedade e a organizar a própria vida. Ora, a prática musical em conjunto pressupõe um caminho de organização social mediante participação. No CEIC, especificamente no grupo coral, pude presenciar esforços de participação na busca de uma performance vocal eficaz, onde cada participante foi instigado a transformar seu comportamento - o estar nos ensaios pontual e assiduamente, o controle do humor, das emoções, a execução de tarefas individuais e em pequenos grupos em prol do avanço do grupo como um todo.

O olhar sobre esta possível comunidade de prática musical ofereceu implicações significativas para o campo da educação musical em contextos extraescolares como pude comprovar, especialmente se for levado em conta a aplicabilidade e eficácia da educação musical através do canto coletivo. Além disso, apreciar essa comunidade como um local onde a prática abre espaço para a aquisição de conhecimentos e também a formação de laços e interações sociais entre os participantes, corrobora a ideia de que a música é um instrumento de socialização, de humanização. Utilizo o termo “humanização” para me referir ao relacionamento interpessoal, de competência interpessoal: o indivíduo que sabe ouvir o outro, que sabe se colocar no lugar do outro se humaniza.

ETIENNE WENGER E A COMUNIDADE DE PRÁTICA

As tendências desencadeadas a partir da década de 1990 sobre a valorização do ser humano por uma melhor qualidade de vida e no trabalho beneficiaram o pensamento de Etienne Wenger, teórico da aprendizagem social, que estudou a conexão entre participação, comunidade, aprendizagem e identidade. Sua ideia é a de que conhecer é fundamentalmente um ato social, de participação. Wenger (1998) pensa no design de um mundo onde as pessoas possam atingir seu

pleno potencial. A aprendizagem pode ser o fator primordial, porque as comunidades trabalham, mas também pode ser o resultado acidental das interações no grupo.

O objetivo da proposta das comunidades de prática é dar voz às pessoas, provocar o envolvimento da comunidade através de estímulos, de forma a integrar as pessoas, para que elas evoluam como seres humanos. Dessa maneira, a autoestima delas tenderá a crescer e então as relações interpessoais serão melhoradas, o que irá dar mais praticidade à vida. Assim, para que exista uma comunidade de prática, é necessário que as pessoas se aproximem por estarem cativadas por um determinado tema. Elas devem desejar um aprofundamento do conhecimento e a partilha de experiências.

Diferentes pessoas com os mesmos interesses se juntam para comparar métodos de trabalho, partilhar recursos e discutir problemas comuns. Estas pessoas descobrem que tem muito em comum e percebem no grupo um espaço compartilhado. Em consequência dos contatos que vão mantendo ao longo do tempo, sentem-se mais satisfeitas com seu trabalho porque aprendem juntas como resolver problemas que individualmente pareciam insolúveis.

Arroubo, experiência e partilha são as palavras-chave neste conceito (WENGER, 1998). O arroubo garante motivação para aperfeiçoar as destrezas, no âmbito pessoal, social e profissional. As novas perspectivas delineadas pela teoria das comunidades de prática dependem de se saber funcionar em equipe, utilizando diferentes técnicas, diferentes práticas. Esta forma de trabalhar é particularmente útil para a construção e melhoria de práticas do desenvolvimento de um determinado ambiente. Ainda, Wenger (1998) estabelece três condições para uma comunidade ser chamada de comunidade de prática: o domínio, a comunidade e a prática.

Na primeira, esse estudioso (Idem) argumenta que a identidade que se forma na interação entre pessoas em um grupo é definida pelo domínio do interesse compartilhado. Para a segunda condição, Wenger (Id.) lembra que os membros de uma comunidade de prática, na persecução de seus interesses, ao exercitarem as suas competências, participam de atividades conjuntas e discussões, ajudam uns aos outros e compartilham informações. Eles constroem relações que lhes permitem aprender uns com os outros. Na terceira condição, o autor (1998) afirma que uma comunidade de prática desenvolve um repertório compartilhado de recursos: experiências, histórias, ferramentas, maneiras de resolver problemas recorrentes em prática compartilhada. Isso leva tempo e interação situada.

As comunidades de prática se unem num esforço concentrado para coletar e documentar as lições que aprendem através de conversação. É também preciso desenvolver vários recursos, como documentos, rotinas, vocabulário e símbolos que, de alguma forma, vão viabilizar o conhecimento acumulado da comunidade. Em outras palavras, o processo envolve a práxis - modos de fazer, e aproxima as coisas que são partilhadas em certa medida entre os agentes. Wenger sugere um planejamento investigativo para as comunidades de prática:

- a) Trabalho na resolução de problemas através de *brainstorms*.
- b) Pedidos de informação – onde se podem buscar esclarecimentos.
- c) Busca de experiência – comparação com situações semelhantes.
- d) Reutilização de ativos – ideias aplicadas anteriormente.
- e) Coordenação e sinergia – obtenção de benefícios comuns.
- f) Discussão sobre evolução – novos sistemas: eficácia. g) Projetos de documentação – escrever para evitar a repetição de problemas.
- g) Visitas – observação de práticas em outras comunidades.
- h) Mapeamento do conhecimento e identificação das lacunas: o que já é sabido pelos usuários; quais as perdas causadas por “não saber”; a quem recorrer para sanar as dúvidas.

APRENDIZAGEM SITUADA E PARTICIPAÇÃO PERIFÉRICA

Lave e Wenger (1991) refletiram sobre o caráter da produção numa comunidade de prática. Também pensaram na relação entre aprendizagem e pedagogia, no lugar do conhecimento na prática e na importância do acesso ao potencial de aprendizagem de determinados entornos.

O caráter interessado e vigilante do pensamento e da ação das pessoas em atividade gera aprendizagem, incrementa o conhecimento e pensamento, solidifica as relações entre pessoas em atividade, em, com e surgindo de, no mundo social culturalmente estruturado. Esses estudiosos (1991) analisam ainda as relações triádicas entre aprendizes, professores e alguns aprendizes que se convertem em professores.

Veteranos entram em sintonia com os recém chegados e há nesse encontro uma contradição fundamental no significado da participação crescente dos novatos, para eles e para os veteranos; o desenvolvimento centrípeto de todos os participantes e com isso a produção exitosa da comunidade de prática também implica em aprendizagem para os veteranos. As relações são

competitivas. Há uma intensificação das tensões; forças impulsionadoras e forças contrárias à aprendizagem se fazem sentir.

Para os autores, o envolvimento na comunidade exige a participação, que por sua vez, gera um processo de aprendizagem. O envolvimento ativo, por sua vez, leva o indivíduo a um processo de identidade com a comunidade em diferentes níveis de participação: central, ativo ou periférico.

Esteves e os outros autores (2008) explicam os níveis de participação propostos por Lave e Wenger: a) participação central - tem a seu cargo a liderança da comunidade, condução de projetos, lançamento de novos temas e desafios; b) participação ativa – os usuários se encontram regularmente e têm uma participação efetiva no fórum de discussão; c) participação periférica - é composta pelos elementos novos na comunidade que vão observando e aprendendo. (ESTEVES et al., 2008, p.23).

Dada a natureza complexa e diferencial das comunidades, importa considerar o centro como disforme e divisível, bem como é imprudente esperar uma aprendizagem linear de destrezas. Na comunidade de prática não há núcleo definido, nem periferia definida. Participação completa faria pensar em um domínio fechado de conhecimento ou prática coletiva que teria graus mensuráveis de aquisição para os novatos.

Para Lave e Wenger (1991) a construção da identidade, através do exercício nos diferentes núcleos, supõe que uma pessoa atua no mundo e prevê novas relações diárias de compreensão, adaptação, ritmo, mudança contínua, onde se pode crer num meio social em evolução, em função da práxis, da atividade em desenvolvimento, do desenvolvimento do conhecimento humano feito de participação. Ainda Lave e Wenger (1991) consideraram que a participação periférica legítima permitiu a eles analisar as relações entre novatos e veteranos no âmbito da formação de identidades, através das atividades e artefatos produzidos e da natureza das comunidades de prática.

A escolha que os estudiosos (1991) fizeram sobre o conceito de participação periférica legítima e os problemas que ele encerra, leva a uma reflexão sobre as categorias: legítimo versus ilegítimo; periférico versus central; participação versus não participação. Isso possibilita a visão destes mesmos conceitos como complementares e a estrutura em conexão com a forma, graus e textura de pertencimento comunitário.

A forma que adquiriu o conceito de legitimidade e de participação para Lave e Wenger (id.) tornou-se a característica que define as formas de pertencer e, portanto, o conteúdo essencial para a sedimentação da aprendizagem numa comunidade de prática.

A partir dessa premissa, situo o CEIC e seu Coral como uma instituição autossuficiente, plena de pessoas “diluídas” no entorno, regidas pela força consoladora e fortalecedora da doutrina espírita. Eu via a permanência das pessoas no ambiente como “estar em um útero”. Entretanto, este sentido social aglutinado também abriu espaço para confrontos e cisões.

A impressão que eu tive é que, quando ocorreram, tais cisões enfatizaram ainda mais a fortaleza e a dignidade contida nos postulados da doutrina, a guardiã dessa comunidade, aproximando mais aqueles que permaneciam juntos na luta, aspecto de decisiva imantação para mim. Era urgente o estudo dessa situação, a fim de que houvesse uma legítima relação entre mim e o grupo.

O Coral era apenas um dos lugares onde eu poderia aprender dentro da casa espírita. A música realizada pelo Coral do CEIC era um dos objetos preciosos de que a casa espírita dispunha. Havia aspectos formidáveis para fruir em outros departamentos. Melhor seria que a música produzida pelo coral soasse de beleza sem par. Estas conjecturas me fizeram refletir sobre outros setores da sociedade que se utilizam de música para incrementar suas estruturas: escolas, empresas, igrejas, centros comunitários, dentre outros. Qual a importância da música para esses setores? Que utilização eles farão dela? Ainda estará a música relacionada a lazer e descontração, servindo como cartão de visita, ou como veículo de fortalecimento do desejo de aprender música? Estará a música servindo como motivação para a aquisição de novos conhecimentos?

DAS ENTREVISTAS E RELATOS

Para o Coral do CEIC, a música reunia um seleto contingente da comunidade, aficionados pela causa espírita e que perceberam a música como alternativa de evangelização, mas também como possibilidade de expressão, de cultivo do bem estar físico e mental apreendido coletivamente.

A diversidade de processos que envolvem interações entre pessoas através da música e do fazer musical delimita a forma como as pessoas se apropriam dos sons. Elas podem transformá-los em palavra cantada coletivamente em contextos sociais e também podem ser capazes de transmitir o seu aprendizado a outros, bem como compartilhar os domínios e habilidades existentes nesses ambientes e estabelecer parâmetros para análise qualitativa das performances.

A observação do campo empírico ora estudado tornou-se viável quando o foco recaiu sobre tais atividades. Afirmando ter sido imperioso ao Coral do CEIC apropriar-se de uma forma de cantar que o elevasse à categoria de coral aprimorado, sofisticado. Os temas em português facilitavam a divulgação dos preceitos espíritas, porém a música histórica, também parte do repertório, era citada nos textos da doutrina e tornava-se, por este motivo, repertório importante para respaldar as palestras realizadas na casa e em outros centros. Tal repertório, eclético, obrigou aos participantes pensar em investimento para suas vozes, a fim de dar conta das exigências musicais e melhorar sua performance.

No caso da instituição CEIC importa frisar que há respaldo científico e histórico em sua dinâmica de ação. A música serve ali como catalisadora de aprendizados específicos. Estes são atraentes para determinados, digamos, simpatizantes da casa que dispõem de bagagem intelectual para agregar conhecimento - das alterações observadas pelo som em organismos vivos, do efeito das respirações dos textos, das cesuras enfim, dos aspectos estilísticos da palavra empregados pelos participantes do Coral do CEIC em forma de prece cantada, em benefício desses adidos da casa espírita.

No contexto social da atividade coral estudei as relações que se estabelecem entre corista/coristas, corista/regente, corista/comunidade, corista/música e conquista de um domínio, o que garante ao aprendiz executar a atividade com autonomia e exercitar níveis de participação, integrando-se na comunidade.

No Coral do CEIC, esta autonomia de ação ainda se encontrava em processo de aquisição enquanto permaneci em campo. Os contraltos do Coral do CEIC, por exemplo, foi o pequeno grupo que mais se reuniu para estudo, mas que requisitou, contudo, a minha participação ou da maestrina como correpetidoras. Ainda não era possível para o pequeno grupo dispor sozinho das ferramentas de aprendizagem musical. Os contraltos se apresentavam, dentre minhas pontuações, como o naipe que mais precisava de atenção em sua produção vocal.

Pelo papel que desempenham nos arranjos coral e que lhes exige maior atenção à afinação de intervalos de terça, sétima, nona, utilização de tons na região entre sol² e mi³, de difícil emissão, dificuldade em compreender que cada tom possui seu registro em si. Para os contraltos, ampliar a extensão vocal – e atingir os tons mi⁴, fa⁴, por exemplo, são desafios importantes e plenamente adaptáveis ao estudo do canto para este naipe.

Ora, Pereira e Vasconcelos (2007) estudaram alguns autores que enfatizam os aspectos relacionados aos benefícios da atividade coral para o desenvolvimento de seus integrantes nas dimensões pessoal, interpessoal e comunitária, a saber: Mathias, 1986; Grosso, 2004; Andrade, 2003. As hipóteses de Pereira e Vasconcelos (Id.) segundo as quais esta vivência é uma trama rica de possibilidades formadoras de humanização e de socialização foram confirmadas por esses e outros pesquisadores que ressaltam o potencial formativo e socioeducativo do canto coral. De fato, para Pereira e Vasconcelos (Id.) as ciências sociais contribuem para o melhor entendimento dos fatos e processos sociais ocorridos em um coral. Esses autores buscam dar destaque para as relações entre processos sociais e resultados individuais ou grupais pelo viés reflexivo. E, no caso do Coral do CEIC, uma das posições amiúde discutidas com a maestrina aponta justamente para este aspecto: o que é mais importante na prática coral – o desenvolvimento do canto, o desenvolvimento musical ou a vivência social ao grupo propiciada?

Para o Coral do CEIC, quiçá na ocasião de sua fundação, o núcleo central fosse à busca de uma atividade de lazer, de convívio. Esse fato provoca sentimento de pertença, por identificação, além de prazer estético, o que comprova a importância do trabalho em grupo em que todos contribuem com uma parcela individual em favor da qualidade da atividade musical.

As atividades musicais em grupo, no entender de Figueiredo (2006) exigem ações próprias do trabalho de regência. Os mitos que revestem este papel sobrecarregam sua participação e exigem do regente formação adequada em gestão de grupos, domínio interpretativo musical e comunicação. A referência que Figueiredo (2006) faz a Price e Byo (PRICE e BYO apud FIGUEIREDO, 2006) sobre diferenças entre reger e ensaiar foi útil a este estudo no que diz respeito a interações sociais e de aprendizagem. A postura do regente e sua habilidade para organizar uma performance, orientando-a, descrevendo situações, dando exemplos práticos, fomentando movimentação e execução coerente com a realidade técnica de seu grupo é determinante para o sucesso da aprendizagem. O papel do regente está muito próximo do papel do professor, segundo Figueiredo (2006), e é esta aproximação que garante ao regente levar a seu grupo os conhecimentos relacionados à educação musical. Fica a cargo dos participantes demonstrarem interesse em conhecer o conteúdo musical, em desmontar as resistências/bloqueios ante o novo para eles. Alguns destes temas puderam ser verificados em depoimentos dos participantes.

No Coral do CEIC, a maioria dos participantes possui conhecimentos básicos sobre música, tendo pela frente todo um conjunto de enfrentamentos necessários a uma performance vocal de qualidade. Vontade de superação era ingrediente básico para que se renovassem semanalmente

as esperanças de sucesso da empreitada. Com a resistência natural em aprender sempre presente, o processo se revelou complexo.

Para Souza (2009), os grupos corais, especialmente os formados por leigos, são movimentos de origem comunitária que reúnem membros de diferentes contextos da sociedade em um objetivo comum, no qual se busca a realização pessoal por meio de experiência estética. Tal prática, a de reunir um grande número de indivíduos em diferentes grupos corais com pouca ou nenhuma base musical, é um dos aspectos citados também por Komosinski (2009) em sua pesquisa. Um grande esforço em relação a incorporar leitura musical no cotidiano dos ensaios foi observado por mim enquanto estive em campo junto ao Coral do CEIC. O leitor que conhece a maquinaria desta aprendizagem deve entender que se trata de tarefa delicada, a se configurar em longo prazo.

Refletindo sobre o trabalho do regente, especialmente no contexto dos grupos leigos, recorro ao pensamento de Figueiredo (2005). É necessário, no entendimento de Figueiredo (Id.), que o regente desenvolva a capacidade de prever ou contornar problemas que perturbem a continuidade das atividades – e que deem margem à descontinuidade – e/ou interfiram na qualidade da produção e na manutenção da existência do grupo.

A prática coral para Figueiredo (2005) tem interesse multidisciplinar. Para ele, no que concordo, muitas tarefas podem ser realizadas simultaneamente, como percepção auditiva dos tons, dos encadeamentos harmônicos, do fraseado e do uso adequado da voz, dentre outros aspectos. E para Fucci Amato (2009), a participação num grupo coral permite a pessoa aprender a manter relacionamentos estáveis com os colegas e realizar trocas materiais e simbólicas que facilitem sua sociabilidade e auxiliem a tomada de consciência de si e dos outros. A afeição, fluxo dessas trocas, “é um complemento da necessidade de inclusão, ou seja, além do sentimento de pertencimento, a pessoa se sente amparada por outras em seu universo psíquico”. (FUCCI AMATO, 2009, p.2).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o campo empírico - o Coral do CEIC – percebi que de fato esse Grupo demonstrou ser uma comunidade de prática musical. A análise dos dados apontou que, independente do que viesse a ocorrer com seus dirigentes, com seu regente, com os profissionais contratados, com o trabalho desenvolvido, havia um grupo nuclear que aglutinava elementos de

domínio compartilhado entre canto e doutrina espírita. O ambiente de ensaio quedava transformando, bem como o de convivência em outros recantos.

A casa espírita era um lugar de aconchego, um lugar onde os participantes pareciam sentir-se protegidos, do barulho, da ansiedade, do medo, da solidão. Os benefícios da prática coral numa comunidade de prática, como se entende a comunidade do Coral do CEIC, são notórios nas dimensões pessoal, interpessoal e comunitária. Vertamatti (2008) faz um levantamento dos estilos de repertório mais utilizados em corais brasileiros.

A maioria dos exemplos se concentra em música popular nacional e estrangeira, uma pequena percentagem para o repertório coral propriamente dito (música coral histórica) e uma possível abertura para o advento da música coral contemporânea. O grupo nuclear do Coral do CEIC reuniu-se, como se sabe, em 1997 para cantar, porque gostava de cantar. Um gostar de cantar particular dessa posição central, disposta a cantar qualquer coisa em prol de si, em prol do belo, em prol do bem de todos e das convicções morais do grupo.

Como escreveu Reck (2010) ao pensar na questão da prática musical em ambientes religiosos, o grupo nuclear do Coral do CEIC era capaz de estabelecer vínculo entre doutrina espírita e música, mesmo sofrendo com as tensões surgidas com as diferentes significações dadas à música e seu texto – a música, em muitos casos, é usada como ferramenta de celebrações. As relações sociais, sedimentadas nesses processos de conhecer, aprender e desenvolver a voz irradiavam sua força aos grupos de participação ativa e periférica legítima.

Assim, como atividade comunitária, a prática coral cumpria sua dupla função de sensibilizar através da música, que vinha sendo praticada em relativa informalidade (por imitação), bem como dar vazão aos fundamentos da doutrina espírita e veiculados através da palavra cantada. O fato de os participantes terem convivido com alguns professores de canto em sua história, e esses professores terem legado ao grupo conhecimentos úteis e também inaproveitáveis faz pensar na função dos contratados, qual seu papel real na comunidade.

Ao conversar sobre este assunto com alguns coristas, obtive informações sobre falta de sintonia entre o profissional e o coral. A atuação desses profissionais e voluntários pretendia preencher uma lacuna de formação e treinamento. Somente um dos profissionais foi apontado pela maestrina como eficaz no processo enquanto esteve trabalhando com o grupo. Os professores continuaram se revezando e o processo ainda não se consolidou.

É viável considerar os aspectos históricos abordados no corpo do artigo e associá-los à imagem romântica vigente em vários setores do pensamento social brasileiro. De acordo com esta imagem, na prática coral o cantor leigo, somente valendo-se de sua sensibilidade e intuição, pode cantar as obras de diferentes épocas, localidades e estilos com propriedade, sem possuir especialização para tanto. A articulação entre indivíduo-objeto-contexto permite problematizar esta imagem, ampliando o horizonte de discussão.

Trata-se de propor um estudo crítico sobre o caráter empírico que reveste a prática coral no Brasil e de propor avaliar a maneira como as comunidades usufruem dessa prática para torná-las comunidades de prática musical. O repertório de música popular nacional e estrangeira, utilizado por muitos corais brasileiros, dentre eles o grupo que estudei em 2010, impõe mudanças no comportamento vocal dos participantes, como pude comprovar ao longo do processo de observação, ou seja, torna-se necessário um aumento de responsabilidade por parte dos participantes em atingir qualidade estilística e interpretativa, objetivo difícil de atingir com apenas um encontro semanal para ensaios gerais.

Observo, então, que o estudo sobre a comunidade de prática do Coral CEIC trouxe dados significativos para a compreensão dos conceitos e elementos descritos por Wenger (1998) e Lave e Wenger (1991). O reconhecimento da constituição da comunidade – o domínio a comunidade e a prática – e a observação dos processos característicos desta prática, os interesses compartilhados pelo grupo (prática compartilhada) a construção das relações de aprendizagem (aprendizagem situada) e os níveis de participação dos membros do grupo, foram processos que nortearam as análises neste texto e fundamentaram a observação do campo empírico. Resta, portanto, sugerir que novas investigações sejam realizadas, em outros contextos, com outros grupos específicos, para aprofundar e verificar a significativa contribuição que o conceito de comunidade de prática traz para compreensão das situações de ensino, aprendizagem e experiência estética, experimentadas em diferentes grupos comunitários de prática musical.

REFERÊNCIAS

COSTA, Eveline; LYRA, Maria. Como a mente se torna social para Barbara Rogof: a questão da centralidade do sujeito. In: **Revista Psicologia – reflexão e crítica**, 2002, 15 (3), p.637-647.

COSTA, Lucila P. S. P; FIGUEIREDO, Sérgio L. F. A aprendizagem musical em um coral de adolescentes. In: **Anais do XIII Encontro Regional da ABEM – Sul**, 2010. CD-ROM.

ESTEVES, Micaela; FONSECA, Benjamim; MORGADO, Leonel; MARTINS, Paulo. Uso do Second Life em Comunidade de Prática de Programação. In: **Revista de Ciências da Informação e da Comunicação do CETAC**. http://prisma.cetac.up.pt/edicao_n6_julho_de_2008. Acesso em: 26 nov. 2010.

FERNANDES, Ângelo; KAYAMA, Adriana; ÖSTERGREN, Eduardo. **O regente moderno e a construção da sonoridade coral**. Revista Per Musi, n.13. Belo Horizonte, 2006. p.33-

FIGUEIREDO, Sérgio L. F. **A função do ensaio coral: treinamento ou aprendizagem?** Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 1990.

_____. A prática coral na formação musical: um estudo em cursos superiores de licenciatura e bacharelado em música. In: **Anais do XV Congresso da ANPPOM**, Rio de Janeiro, 2005, CD-ROM.

_____. A Regência coral na formação do educador musical. In: **Anais do XVI Congresso da ANPPOM, Brasília**, 2006, CD-ROM

FUCCI AMATO, Rita. **O canto coral como prática sócio-cultural e educativo-musical**. Opus, v.13, n.1 Goiânia. jun. 2009, p.75-96.

GROSSO, Maria A. P. C. (Org.) Sistema de informação e sua utilidade para a administração da arte e da cultura: um estudo de caso no Coral CESUMAR. In: **Anais II encontro de pesquisa em música da Universidade Estadual de Maringá**, 2004, CD-ROM.

KOMOSINSKI, João. L. **Canto coral e cognição musical: as práticas brasileiras e suas articulações com a memória**. 168f. Dissertação (Mestrado em Música) – Departamento de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

LAVE, J. WENGER, E. **Situated Learning. Legitimate peripheral participation**. Cambridge: Cambridge University of Press, 1991.

MATHIAS, Nelson. **Coral, um canto apaixonante**. Brasília: MUSIMED, 1986.

OLIVEIRA, Zilma de M. R. **O espaço físico e sua relação no desenvolvimento e aprendizagem da criança**. Petrópolis: Vozes, 2000.

PEREIRA, E. VASCONCELOS, M. **O processo de socialização no canto coral: um estudo sobre as dimensões pessoais, interpessoal e comunitária.** Música Hodie. v.7, n.1, 2007, p.99-120.

RECK, Andre. **Educação musical e a música evangélica:** reflexões e problematizações. In: Anais do XVII Encontro Nacional da ABEM, 2008, CD-ROM.